

Boletim de Estudos Clássicos

Associação Portuguesa de Estudos Clássicos
Instituto de Estudos Clássicos



Coimbra
Junho de 2008

COLÓQUIO INTERNACIONAL “AGAMÉMNON, SENHOR DA CASA, SENHOR DA GUERRA”

Agamémnon constitui o centro de uma casa marcada por tensões e contradições várias, projectadas sobre o perfil desta personagem. Em nome da ofensa feita por Páris a Zeus Hospitaleiro, aquando do rapto de Helena, mulher de seu irmão, Agamémnon dispõe-se a tomar parte na vingança de Menelau. O mais poderoso rei de entre os Aqueus empreende uma vasta expedição que, tendo a recuperação de Helena como motivo invocado, deixa transparecer a sedução pelos tesouros de Tróia como o grande motivo aglutinador de vontades. Centro de poder é, todavia, centro de uma trama de interesses e jogos desse mesmo poder que o levam a sacrificar a estabilidade de sua casa, expondo-se como um elo da sombria cadeia de culpa hereditária, agravada nos seus gestos, e que o há-de conduzir à morte no coração da casa que pôs em risco, consoante o vê Ésquilo.

O senhor dos exércitos épico não é, sequer, reconhecido como o *aristos* de entre os guerreiros: esse é Aquiles, o que determina a sorte da batalha, aquele que humilhado pelo roubo da sua cativa, verá a seus pés o poder de Agamémnon, nos emissários que lhe suplicam que volte ao campo de luta.

A trama de interesses que à sua volta se jogam, da sede do poder que prenderá o poderoso à vontade tirânica da população (o exército) que flutua, de acordo com a mestria demagógica dos seus chefes, é explorada por Eurípides e abre caminho à crítica à guerra e à denúncia dos seus verdadeiros motivos: o fascínio pelo ouro e o medo da prosperidade de cidades e povos mais ricos. Em última instância, Eurípides, a partir do comportamento dos senhores da guerra, das paixões à solta, deixa em aberto a interrogação, aos olhos do espectador ateniense, sobre a identidade da verdadeira barbárie. Este é um dos aspectos do mito que tem sido particularmente sugestivo para a sua reescrita, já na Antiguidade Romana.

Assim, na sequência do interesse dedicado a outras figuras do mito antigo que deram azo à narrativa na arte e à sua incessante reescrita, condensando questões agudas da vivência humana, decorreu em 28-29 de Abril de 2008, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, o Colóquio Internacional “Agamémnon, senhor da casa, senhor da guerra”. Tratou-se de uma organização do Centro de Estudos Clássicos e

Humanísticos da Universidade de Coimbra, em colaboração com o Instituto de Estudos Clássicos (e os Mestrados e Segundos Ciclos que neste funcionam) e a Associação Portuguesa de Estudos Clássicos. Consoante o tema o requeria, esta organização teve um carácter interdisciplinar e contou também, à imagem do que ocorreu no Congresso Internacional dedicado ao mito de Helena, com a colaboração de especialistas da Universidade de Coimbra, de outras universidades portuguesas e estrangeiras. Nele participaram também, activamente, jovens investigadores recém-doutorados ou envolvidos em formação de Doutoramento ou Mestrado.

A conferência inaugural, “Agamémnon, o mais trágico dos heróis trágicos”, esteve a cargo do Prof. Andrès Pociña, da Universidade de Granada, à qual se seguiu uma sessão dedicada ao herói no contexto homérico (“Agamémnon na epopeia homérica”, Prof. Frederico Lourenço, da Universidade de Lisboa e “Agamémnon na lírica grega arcaica”, Prof. Fernanda Brasete, Universidade de Aveiro). O tratamento do mito no teatro grego foi objecto das conferências dos Profs. José Vicente Bañuls e Carmen Morenilla (Universidade de Valência) – “Antecedentes homéricos do Agamémnon trágico” e “A progressão ética do Agamémnon da *Ilíada* e sua configuração dramática em Ésquilo e Sófocles” – assim como da conferência da Prof. Milagros Quijada, da Universidade do País Basco: “O Agamémnon de *Ifigénia em Áulide*: uma personagem da tragédia de finais do séc. V a.C.”

Na tarde do dia 28 a primeira sessão foi ocupada pelos Profs. Francesco De Martino, da Universidade de Foggia, que se ocupou da iconografia de Agamémnon e da simbologia das vestes, sob o título “Agamémnon, Senhor da Elegância”, e Nuno Simões Rodrigues, da Universidade de Lisboa, que explorou a figura do Atrida à luz do perfil que o define como rei, de acordo com os parâmetros da cultura a que pertenceu: “Agamémnon: o que é um rei?”.

Seguiu-se uma sessão de comunicações livres, com intervenções de Susana Pereira, “Cassandra, visionária dos males de Agamémnon” e Paulo Sérgio Ferreira, “A figura de Agamémnon nas *Troades* e na peça homónima de Séneca”, ambos Profs. na Universidade de Coimbra, de Jorge do Deserto (Prof. na Universidade do Porto): “Outro Agamémnon na *Electra* de Eurípides?”, Ália Rodrigues, Mestranda e Bolseira do Projecto Plutarco, “Agamémnon, a morte de um herói: percurso iconográfico”, Mestre Carlos de Jesus, Doutorando e Investigador da UI&D-CECH, “Regressar a casa e encontrar a morte: Agamémnon nos palcos portugueses”; Ana Elias Pinheiro

(Prof. na Universidade Católica Portuguesa), “Agamémnon na Banda Desenhada: Sage of Bronze de Eric Shanower”.

Os trabalhos do dia encerraram com a apresentação, pela Prof. Milagros Quijada, do livro *O Mito de Helena: de Tróia aos nossos dias*, vol. I, decorrente de análogo encontro, e publicado em parceria entre as univs. de Coimbra, Foggia, Granada e Valência.

No dia 29 os trabalhos abriram com uma sessão dedicada a Séneca: sob a presidência de Andrés Pociña, proferiram as conferências “Agamémnon no teatro de Séneca” os Profs. Francisco Oliveira (Univ. Coimbra) e Aurora López (Univ. Granada): “O Agamémnon de Séneca a partir da perspectiva das suas mulheres”.

Caminhando para a recepção do mito de Agamémnon posterior à Antiguidade Greco-romana, a última sessão da manhã contou com a intervenção de Santiago López Moreda (Prof. da Univ. de Caceres-Extremadura): “Agamémnon no Festival de Teatro Clássico de Mérida. Adaptações e falsificações”, e de José Pedrosa Cardoso (Prof. da Univ. de Coimbra), “A Música do Senhor dos Homens”.

A primeira parte da tarde foi dedicada à reescrita contemporânea: Maria do Céu Fialho (Prof. Univ. Coimbra) ocupou-se de uma versão novelesca inspirada em *Ifigénia em Áulide: The Songs of the Kings*, do escritor inglês Barry Unsworth, Maria de Fátima Silva (Prof. Univ. Coimbra) dedicou a sua intervenção a “Agamémnon em *O Corpo de Helena* de Paulo José Miranda” e Delfim Leão (Prof. Univ. Coimbra) falou de “Agamémnon numa *Odisseia* europeia”, focando um estudo do dramaturgo Jaime Rocha. Esta sessão teve a particularidade de ser presidida por um conhecido escritor português, que deu vida à discussão, o Doutor Almeida Faria. Ele mesmo correspondeu, com generosidade, ao convite para presidir à sessão final: “Dois escritores à volta de Agamémnon” em que o dramaturgo Jaime Rocha apresentou o seu *Agamémnon*. Esta sessão foi marcada por vivo debate e intervenções de quem conhecia o texto (ainda inédito, a publicar em volume anexo às actas do Colóquio) e de quem o não conhecia, sobre os processos de escrita e motivos de inspiração.

Após o encerramento, os participantes tiveram oportunidade de assistir à ante-estreia da representação de *As Vespas* de Aristófanes, em tradução de Carlos de Jesus e encenação do Grupo Thíasos do Instituto de Estudos Clássicos.

MARIA DO CÉU FIALHO